

VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 28ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Na Sala de Sessões, Thiago Gomide (à esquerda), Dr. Theophilo Miguel Filho e Fernanda Arouca, celebram parceria com inauguração da nova sala multimídia do CCJF

Centro Cultural Justiça Federal e Tá Na História celebram parceria e inauguram nova sala multimídia na Cinelândia

No dia 26 de agosto, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) e o *Tá Na História*, uma das maiores iniciativas independentes de divulgação histórica do país, inaugurou, com cerimônia na Sala de Sessões, a nova sala multimídia com entrada gratuita, localizada no térreo do CCJF, no coração da Cinelândia. A parceria inédita celebra o jubileu de prata do CCJF e os 10 anos do projeto *Tá Na História* e marca a realização de um objetivo

Cinelândia - Cinema na Rua exhibe o filme *Aumenta que é Rock in Roll*



Em setembro, o projeto *Cinelândia - Cinema na Rua* leva para a Pedro Lessa mais uma sessão de filme. Dessa vez, aproveitando a realização do Rock in Rio, a curadoria selecionou o longa-metragem *Aumenta que é Rock in Roll* para o cinema a céu aberto terça-feira, dia 22, às 18h30.

O filme conta a história de Luiz Antônio (Johnny Massaro), um radialista atrapalhado que de repente se vê no comando de uma estação de rádio falida e caindo aos pedaços. Contando apenas com a sua paixão pelo rock'n'roll e uma equipe comprometida, ele cria a *Rádio Fluminense FM*, a "Maldita", uma das mais emblemáticas na história do rock brasileiro.

comum: a preservação da memória e o incentivo ao conhecimento para a sociedade brasileira. A nova sala reúne uma curadoria de 40 vídeos entre os milhares de vídeos já produzidos pela marca.

Na abertura do evento, após o hino nacional, Dr. Theophilo Miguel Filho, desembargador do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) e diretor-geral do CCJF, ressaltou a simbiose do encontro entre o CCJF e o *Tá Na História* em um ano comemorativo para ambos. “Há uma bela síntese nesse encontro...se este prédio fala pelos séculos, aqueles vídeos incentivam a curiosidade de cada nova geração. Como bem resume Thiago Gomide, história é entender o lugar onde a gente pisa – e poucos lugares são tão carregados de história quanto o solo em que hoje estamos, no coração da Cinelândia, cercados pelas próprias histórias que o ‘Tá Na História’ conta há uma década. Memória e linguagem, passado e futuro: o que ontem era solenidade da lei agora se abre, em potência agregadora, à cultura”, destaca, ao afirmar que mais do que um novo espaço de visitação, a nova sala multimídia passa a ser um símbolo de memória que se renova em novas linguagens.

Fernanda Arouca, publicitária e cofundadora do *Tá Na História*, lembrou das dificuldades e dúvidas enfrentadas por ela e Thiago no início do projeto e o simbolismo de exibir os vídeos da marca em um espaço tão relevante, carregado de história, como o Centro Cultural. “Se me contassem há 10 anos que hoje estaríamos aqui, eu não acreditaria. Fico até emocionada ao lembrar das vezes que viemos aqui gravar na Cinelândia, sozinhos, acreditando nesse projeto...Hoje a gente vê o nosso trabalho dentro de uma instituição que tem uma importância imensa para a história da cultura da nossa cidade e do nosso país”, orgulha-se. Ela explica que a concepção do ‘Tá Na História’ partiu de uma crença muito simples: de que a história não podia ficar distante das pessoas. “Ela precisa ser casa, precisa pertencer, precisa estar nas ruas, nos becos, nas praças, nas esquinas, nas conversas; precisa fazer parte do dia a dia e a gente quis ajudar a entender de onde a gente veio, o lugar onde a gente mora e fazer com que as pessoas percebam que fazem parte dessa história. Queria aproveitar para agradecer por essa oportunidade, por tantas vezes serem a nossa casa”, disse, emocionada.



Público lota hall de entrada do CCJF, local onde fica a sala multimídia que oferece gratuitamente vídeos do Tá Na História sobre curiosidades do Rio de

A transmissão faz história e conquista milhares de ouvintes ao longo dos anos. Entre solos de guitarra e interferências no sinal, acompanhamos as aventuras e desventuras de Luiz, que ainda por cima se apaixona por Alice (Marina Provenzano), uma locutora casada.

É só chegar, vem conferir!

O evento será adiado em caso de chuva.



Visitas mediadas a exposição Coleção Ingá: Brasil Plural



A exposição *Coleção Ingá: Brasil plural*, que fica no CCJF até 27 de setembro, foi concebida para ampliar o acesso à cultura e proporcionar uma experiência acolhedora para todos os públicos.

Como parte da parceria entre o Centro Cultural Justiça Federal e a FUNARJ, são oferecidas visitas mediadas – que podem ser agendadas [aqui](#).

Durante a visita, os participantes são convidados a explorar os conteúdos da exposição de forma interativa, em um ambiente que valoriza o diálogo, a troca de experiências e o direito de todos ao patrimônio cultural.

Agende sua visita e venha conhecer a mostra de uma forma mais rica!

Já Thiago Gomide, historiador e criador do *Tá Na História*, também agradeceu a todos os envolvidos no projeto e ressaltou a importância de parcerias como essa para ampliar a disseminação da educação e da cultura. “É importante dizer que é um orgulho gigantesco ser parceiro de um Centro tão importante como esse. E não é uma conquista qualquer, é uma conquista de uma educadora e de um educador que acreditam na Justiça e são parceiros dela há muito tempo; que acredita no potencial educativo desse lugar. Somos mais uma gota nesse universo da internet, mas com um propósito de mostrar que existe um lugar onde tem história e ninguém está percebendo. O 'Tá Na História' é isso, essa rua que a gente encontra, esse espaço da troca, do afeto...É permitir que as pessoas no território onde vivem entendam que elas não são menores que um palácio em Paris, elas foram frutos da história também, foi isso que eu aprendi em casa”, concluiu.

Mais sobre os vídeos do *Tá Na História* no CCJF: os 40 vídeos são organizados em quatro blocos temáticos, com curadoria feita a partir do desempenho de audiência e da relevância histórica do conteúdo ao longo dos 10 anos de trajetória da marca:

- Segredos do Centro Histórico e Arquitetura;
- Origens, Ditados e Expressões Cariocas;
- Mistérios, Crimes e Casos Reais;
- Personagens Marcantes e Biografias.

Entre os vídeos selecionados estão histórias que atravessam curiosidades da Confeitaria Colombo, o passado da Lapa e do Vidigal, personagens como Madame Satã e Joãozinho da Gomeia, e episódios que marcaram a formação dos grandes clubes de futebol do Rio de Janeiro, sempre com a pesquisa histórica e o tom de curiosidade que são marca registrada do *Tá Na História*.

A sala multimídia do CCJF é aberta ao público, gratuita e funciona de terça a domingo, das 11h às 19h. Venha nos visitar!

**Na Sala de Sessões,
CCJF concede
honrarias a
personalidades
culturais e
autoridades
militares**



No jubileu de prata, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) segue homenageando personalidades e autoridades que prestam serviços relevantes à sociedade. No dia 28 de agosto, em duas cerimônias na Sala de Sessões, o CCJF reconheceu, por meio de honras e certificado de mérito cultural, a dedicação e o esforço de nomes que têm atuado em prol do social e da cultura carioca.

No início da tarde, a equipe do CCJF recebeu os homenageados: Andréa de Fátima da Paz Pereira Barcala, capitã de Longo Curso da Marinha Mercante Brasileira, gestora cultural e presidente fundadora do Instituto Cultural Marinha Mercante – IC, Sérgio Carpi, representando Celina Borges Torrealba, cineasta e produtora brasileira, Katia Hakim Chalita, educadora, escritora, vice-presidente Executiva e membro da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências e Sérgio Costa e Silva, criador do projeto Música no Museu, Patrimônio Cultural Imaterial do estado e da cidade do Rio de Janeiro. Também estiveram presentes familiares, amigos e autoridades dos homenageados que,



Para empoderar crianças, versão adaptada de *A Bela Adormecida* quebra preconceitos e incentiva o pertencimento no Teatro do CCJF

E se a princesa Bela Adormecida, do conto de fadas clássico dos Irmãos Grimm, fosse negra? A ideia de Leandro Santanna, diretor da peça adaptada *A Bela Adormecida*, surgiu a partir do esforço de empoderar crianças negras e, ao mesmo tempo, abordar a carência de representatividade da raça nos clássicos infantis e personagens do imaginário popular artístico. Com adaptação de Osmar Rezzende (colaboração de Tatiana Henrique), direção de Arte de Marcelo Viégas e grande elenco negro, o espetáculo, em cartaz no mês de agosto no Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, pode aguçar o imaginário, principalmente de meninas que, por vezes, nunca tiveram identificação com protagonistas dos clássicos contos de fadas, devido a diferença de características físicas. Trazer para a história infantil a importância da afrodescendência e da ancestralidade é manter viva a memória do povo brasileiro, tão miscigenado e plural.

Santanna conta que fazer a *A Bela Adormecida* no Centro do Rio era um desejo dele e de toda a equipe, que só foi possível colocar em prática “graças à facilidade de produzir em um equipamento com a organização e as acomodações do CCJF.” “Nossa peça convida o público a olhar o famoso clássico infantil sob a ótica das meninas que nunca se viam neste lugar de Belas, neste lugar de princesas”, ressalta o diretor.

Quanto a receptividade do público, ele destacou que os espectadores deram um retorno muito positivo por meio das redes sociais. Para a equipe, que levou para o coração da cidade do Rio de Janeiro uma produção da Baixada Fluminense, o resultado foi representativo. “Foi estimulante essa troca e a visibilidade do trabalho que desenvolvem em Queimados, desde 2003”, frisou Santanna. Sobre o enredo da peça, a história se passa em um reino africano e a protagonista é uma princesa negra, que é enfeitiçada por uma maléfica feiticeira ao espetar o dedo no espinho da folha de um dendezeiro (palmeira de origem africana) para cair em um sono profundo. A princesa fica desacordada até que um príncipe encantado a desperte com um beijo provindo de um amor verdadeiro. O tema, presente na infância de muitas crianças, ganhou uma roupagem de pertencimento, algo intenso e profundo, que quem teve a oportunidade de assistir, provavelmente não vai esquecer.



emocionados, agradeceram a honraria.

Para o desembargador federal Theophilo Miguel Filho, diretor-geral do CCJF, “os homenageados não apenas prestigiam o Centro Cultural com suas honrosas presenças, mas trazem a própria alma para dentro dessas paredes históricas, permitindo que o Centro Cultural continue a cumprir a sua missão de ser um farol de conhecimento e arte para a sociedade.”

No final da tarde, em uma segunda cerimônia, foi a vez de Regis Ayrton Lermen, coronel do Exército Brasileiro e presidente da ABRAMMIL - Associação Brasileira de Medalhística Militar e Rodrigo Mendes Medina de Figueiredo, coronel dentista do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ) e superintendente de Operações Aéreas da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro — responsável pelo transporte de órgãos para transplantes e crianças em estado grave —, receberem honrarias do CCJF. “Cultura representa manifestação ideológica, artística e profissional de pessoas que se destacam em nossa sociedade (...) Reconhecemos que a preservação da identidade de uma nação não se faz apenas por intermédio de pedras e cal, mas do compromisso de cidadãos que dedicam suas trajetórias pessoais, profissionais, ora reconhecidas, à valorização do conhecimento, da



Cinelândia - Cinema na Rua de agosto exibe “Papagaios” e promove debate sobre fama, visibilidade e pertencimento

Em meio ao movimento do Centro do Rio, a rua Pedro Lessa se transformou mais uma vez em sala de cinema. Na terça-feira, dia 18 de agosto, o projeto *Cinelândia - Cinema na Rua*, realizado pelo **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, em parceria com a Banca do André e a ASPAC - Associação dos Servidores Públicos da ANCINE, recebeu o público para mais uma sessão gratuita, dessa vez *Papagaios* (2025), primeiro longa-metragem dirigido e roteirizado por Douglas Soares. A exibição foi seguida de um debate com integrantes da equipe do filme, que discutiram temas como fama, visibilidade, desigualdade, pertencimento e as transformações provocadas pela internet. Com estreia no *53º Festival de Gramado*, em que conquistou quatro prêmios *Kikito*, tais como *Melhor Filme* pelo júri popular, *Melhor Ator* para Gero Camilo, *Melhor Direção de Arte* e *Melhor Desenho de Som*, o filme chamou a atenção pela proposta de transformar figuras conhecidas da televisão em ponto de partida para uma reflexão sobre a sociedade contemporânea.

“Adoro os papagaios de pirata, sou muito fã deles, mas a minha proposta era fazer um filme de suspense baseado neles, inspirando e homenageando grandes figuras que a gente vê esbarrando na televisão”, contou Douglas Soares. Na trama, Tunico, interpretado por Gero Camilo, é um dos chamados “papagaios de pirata” do Rio de Janeiro - pessoas que buscam aparecer ao fundo de reportagens televisivas para conquistar visibilidade. Após um acidente, ele conhece Beto, personagem de Ruan Aguiar, um jovem misterioso que passa a ser seu aprendiz. A relação entre os dois coloca em questão os limites e as consequências da busca pela fama.

Mais sobre o filme — Produzido pela Glaz Entretenimento e Meus Russos, *Papagaios* se passa em Curicica, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, e foge dos cartões-postais tradicionalmente associados ao Rio de Janeiro. A produção volta o seu olhar para o subúrbio e para personagens que vivem

trajetória e do serviço ao próximo”, frisou Dr. Theophilo Miguel.

Ao agradecer a honraria recebida pelo CCJF, Lermen e Figueiredo ressaltaram que iniciativas como essa reforçam e incentivam a continuidade do bom trabalho que nunca é realizado apenas por um profissional, mas sim por equipes extremamente dedicadas.

*A história do CCJF:
agende sua visita!*



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira:
para até 10 pessoas
[clique aqui](#)

próximos à indústria audiovisual, criando uma narrativa de suspense psicológico que mistura ficção e elementos da realidade. Ao longo da história, a figura dos “papagaios de pirata” serve como ponto de partida para abordar questões como desigualdade e pertencimento. O filme também deixa espaço para diferentes interpretações, permitindo que o espectador encontre suas próprias respostas para as situações apresentadas.



Após a sessão, o diretor Douglas Soares, os atores Ruan Aguiar e Raul Franco e a assistente de direção Flávia Ferreira conversaram com o público presente sobre o processo de criação e os temas presentes na obra. Entre as discussões, Ruan Aguiar relacionou a figura dos antigos “papagaios de pirata” aos influenciadores digitais. “Quantas coisas a gente não passa ali no Instagram, na vida virtual. Vidas são ceifadas e a gente não está entendendo ainda o que está acontecendo e vai acompanhando, vai se interessando pela vida de outras pessoas. A gente não sabe porquê, nem como”, disse o ator. Se antes a televisão era um dos principais espaços para quem buscava alguns segundos de exposição, hoje as redes sociais ampliaram essa disputa por atenção.

A equipe também falou sobre a escolha de Curicica como cenário. Para Douglas, retratar essa região era uma maneira de apresentar um Rio de Janeiro diferente daquele visto com frequência no cinema. O diretor explicou que a proximidade com grandes estruturas da indústria audiovisual faz com que muitos profissionais circulem pela região, criando um ambiente em que personagens como os do filme passem a orbitar esse universo em busca de espaço.

O ator Raul Franco ressaltou que o longa não entrega respostas definitivas ao público. A estratégia aparece na escalação de figuras conhecidas, como o cantor Léo Jaime, cuja participação ajuda a estabelecer um contraste entre diferentes formas de acesso à fama. A proximidade com o período eleitoral também foi lembrada durante a conversa como uma oportunidade para pensar sobre quem recebe atenção, quem ganha espaço para se expressar e quais vozes acabam sendo escolhidas para representar a sociedade.

É nesse lugar entre a fama, a realidade e o desejo de pertencer que *Papagaios* encontra a sua principal provocação e transforma uma história sobre “papagaios de pirata” em uma reflexão sobre

Já para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail: visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente, olhos e ouvidos no coração do Centro do Rio

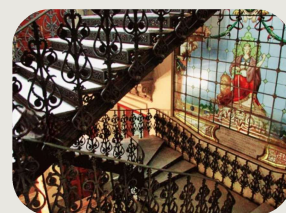


Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta, das 12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:

a sociedade que vive, cada vez mais, em busca de um lugar diante das câmeras.



Parte da equipe do filme que conversou com o público sobre a produção e curiosidades de Papagaios



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)



Três em Travessia: boa música e conversa ‘entre amigos’ marcam show de estreia do trio

Eram três musicistas cheios de talento no palco, mas a sensação era que havia mais deles. Desde a primeira canção, o palco foi preenchido com voz, notas, conversas e muita presença artística que ecoavam por todo o Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). O público sentia, o trio sentia. A troca e a leveza do momento eram genuínas. Foi assim o show de estreia, dia 13 de agosto, do *Três em Travessia*, composto por Gabriel Ruiz, no piano e voz; Rafael Meninão, na sanfona e voz; e Igor Souza, no violão de 7 cordas.

Com repertório que reúne músicas autorais, clássicos da MPB e do samba, o show mescla música e conversa: entre uma canção e outra, os três dividem histórias de viagens, bastidores com grandes artistas e aprendizados da estrada. A ideia, segundo eles, é transformar o palco em uma sala de estar, onde o público

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Mais de um século aos nossos pés

Quantas vezes você já subiu as escadas do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) sem parar para observar onde está pisando?

Entre a entrada do prédio e os espaços que hoje recebem exposições, apresentações e outros diversos espetáculos, existe um elemento que acompanha a história do Centro Cultural há mais de um século: a escadaria principal.

se sinta parte da roda. “‘Três em Travessia’ é um encontro...onde a gente navega nas águas das nossas influências, então tem muito samba, muito forró, choro, nossas próprias composições. É muito legal porque a gente consegue criar diálogo muito brasileiro, orgânico, natural, misturado com improvisação”, comenta Souza, sobre a concepção do novo projeto.

Junte-se a tudo isso, a harmonia de três lindos instrumentos musicais e uma voz potente: o violão de 7 cordas de Igor, com o som típico do samba; a sanfona de Meninão que parecia trazer uma orquestra inteira e o sertão junto; e o piano de Gabriel, que, com a voz única, incentivava a participação da plateia ao longo do espetáculo. Sobre a apresentação, Ruiz conta que os três saíram extremamente satisfeitos com o resultado. “Às vezes a gente sai do palco pensando ‘foi bom’, outras, a gente sai pensando ‘teve algo a desejar’, e tem aquelas vezes que saímos muito realizados, foi o caso desse espetáculo. Nós três saímos muito animados, foi a estreia do ‘Três em Travessia’ e nada melhor do que o palco do CCJF, um local que já fiz um show sozinho, de piano e voz, e lotei os 141 lugares, para mim foi marcante”, lembra o músico, que recebeu elogios do público que compareceu até muitos dias após o show.

Ele também reforça a importância do Rio de Janeiro oferecer lugares democráticos como o Centro Cultural em que há a oportunidade de preparar e enviar um projeto e, caso selecionado, contar com uma organização e auxílio profissional que faz o evento acontecer da melhor forma possível. “Existe um contrato, uma seriedade na marcação do show, um cuidado com o artista. Os técnicos da casa são muito bem preparados, a parte da segurança e dos bombeiros também. Nesse show teve Libras, muito importante a questão da acessibilidade...fiquei muito satisfeito”, frisou ao destacar a vontade de voltar a se apresentar no CCJF. Meninão também destacou a satisfação de realizar um show leve, divertido e prazeroso no Teatro do Centro Cultural. “(Ele) tem minhas influências nordestinas; (além de poder) tocar samba-enredo, Caetano...ter a oportunidade de cantar, o que não é muito ‘a minha praia’, mas o Gabriel Ruiz fica ali fortalecendo (essa prática). Então, estou muito feliz”, ressalta. Vida longa ao trio!



Desde 1909, os mesmos degraus fazem parte da arquitetura do edifício. Produzidas com mármore Carrara — é uma pedra natural nobre e clássica, de fundo branco ou cinza-azulado com veios suaves —, vindo da Europa, e ferro fundido, as escadas preservam características de uma época em que os detalhes arquitetônicos também eram pensados para dar imponência a uma construção.

Conhecido por sua beleza e durabilidade, o mármore compõe os degraus, enquanto o ferro fundido aparece na estrutura e nos detalhes da escada de estilo eclético. Juntos, os materiais ajudam a preservar parte das características originais do prédio e revelam um pouco dos cuidados presentes em sua construção.

Além de ser uma das opções que ligam um andar e outro, as escadas são testemunhas silenciosas das transformações pelas quais o edifício passou ao longo dos anos. Por ali, circularam diferentes gerações de visitantes, funcionários e artistas. Pessoas que chegam para trabalhar, conhecer uma exposição, assistir a uma apresentação ou simplesmente desbravar esse lindo espaço.

São mais de 100 anos de história concentrada nos degraus. O mármore e o ferro que fazem parte de sua estrutura continuam presentes no cotidiano do CCJF, evidenciando que preservar um patrimônio significa cuidar dos detalhes que passam despercebidos pela maioria das pessoas. Por isso, quando passar pela escadaria do CCJF, talvez valha a pena diminuir o passo e separar um tempinho para admirar



Roda de conversa sobre literatura na infância aborda luto e temas sensíveis no CCJF

Falar sobre morte e luto com crianças ainda pode ser um desafio para pais, educadores e mediadores. Foi a partir dessa questão que o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** promoveu na Sala de Leitura, no sábado, dia 1º de agosto, a roda de conversa *Literatura para infância: o luto vem nos visitar um dia*. O evento reuniu as escritoras Melina Galete e Regina de Fátima de Jesus, além da mediadora Rosane Nunes, para uma conversa sobre literatura, infância e finitude. A atividade abordou o luto como parte da experiência humana e destacou a literatura como um caminho para criar espaços de escuta e reflexão sobre as diferentes formas de vivenciar perdas na infância.

Para a mediadora, falar sobre o luto desde cedo é uma forma de reconhecer que as crianças também vivenciam perdas e possuem plena capacidade de elaborar sentimentos relacionados a elas. Ela pontuou que os adultos frequentemente evitam o assunto na tentativa de proteger os pequenos, ignorando que a ausência é sentida de qualquer forma.

Nesse contexto, as obras *Onde está a poesia?*, de Melina Galete, e *Pé de Amanhã*, de Regina de Fátima de Jesus, discutidas durante o encontro, podem funcionar como instrumentos de conversa e mediação para iniciar diálogos delicados sem impor respostas prontas. “Esses livros criam possibilidades para que a criança expresse sentimentos, faça perguntas e construa suas próprias compreensões sobre a ausência e a saudade. E nada como conversar desde cedo sobre o luto, de forma delicada e adequada ao universo dos pequenos”, comentou Rosane Nunes.

A abordagem literária também permite que temas complexos sejam apresentados por meio da imaginação, de metáforas e de imagens poéticas. A mediadora ressaltou que esse recurso não significa diminuir ou esconder a dor, mas possibilitar que cada criança estabeleça sua própria relação com aquilo que está sendo contado, de acordo com sua experiência e contexto. “Ela [literatura] de forma alguma simplifica ou esconde a dor, mas a apresenta de forma simbólica, para que cada criança faça a sua própria leitura a partir da sua [própria] experiência. Ela abre

espaços de reflexão, sem pretensão alguma de ensinar a forma correta de sentir algo ou enfrentar o luto, até porque tudo depende da subjetividade, da carga emocional e social em que se vive uma criança”.

Essa busca por um espaço seguro para falar sobre a finitude transbordou para a plateia. A receptividade do público transformou o encontro em um verdadeiro território de trocas humanas, onde os participantes se sentiram à vontade para compartilhar memórias e vivências difíceis ligadas às suas próprias ausências. A dinâmica do evento evidenciou que, quando se cria um ambiente de acolhimento mediado pela arte, histórias distintas se aproximam e encontram um ponto de contato.

A discussão reforçou, assim, que velar o assunto não impede que a dor aconteça. Ao contrário, quando conduzida com cuidado e ternura, a conversa sobre o luto permite que a criança nomeie o que sente e construa seus próprios caminhos de elaboração. Ao utilizar a literatura como aliada, a roda de conversa mostrou ser possível abordar temas complexos com transparência, ajudando adultos e crianças a transformar a saudade em memória e a cultivar novos horizontes.



Cena de "Eles Não Usam Black-Tie", clássico de Gianfrancesco Guarnieri que levou ao palco do Teatro do CCJF conflitos familiares e sociais que atravessam gerações

***Eles Não Usam Black-Tie* atravessa gerações e provoca reflexões no CCJF**

Eles Não Usam Black-Tie chegou ao último fim de semana de apresentações no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) com o Teatro lotado. Escrito por Gianfrancesco Guarnieri e, considerado um dos grandes clássicos da dramaturgia brasileira, o texto encontrou novamente, no palco, espaço para discutir questões que permanecem atuais, como desigualdade social, direitos dos trabalhadores, pertencimento e o conflito entre projetos individuais e coletivos.

Sob a direção de João Velho, a montagem acompanha uma família de trabalhadores que vive em uma comunidade operária

e se vê diretamente envolvida na organização de uma greve por melhores salários. É dentro da casa dessa família que se desenvolve a ação e para onde convergem as notícias, expectativas e tensões de toda a comunidade.

No centro do conflito estão Otávio e seu filho Tião, interpretados por Pedro Rocha e Nino Batista. Enquanto o pai participa ativamente da mobilização dos trabalhadores, Tião começa a questionar o caminho coletivo diante de uma transformação em sua vida pessoal: Maria (Tai Xavier), sua namorada, está grávida, e o casal planeja se casar.

O desejo de proporcionar à futura família uma vida diferente daquela que conhece coloca Tião diante de uma escolha que determinará seu destino. Ao decidir não aderir à greve, ele rompe não apenas com os companheiros de trabalho, mas também com valores profundamente compartilhados pela família e pela comunidade em que cresceu.

A decisão expõe uma das tensões que dão força ao texto de Guarnieri. De um lado, a solidariedade entre trabalhadores e a percepção de que determinadas conquistas dependem da ação coletiva. De outro, os sonhos individuais de alguém que deseja escapar de uma realidade marcada por limitações econômicas e ampliar as possibilidades para si e para a família que começa a construir.

Para Isabela Starepravo, que já havia lido “Eles Não Usam Black-Tie” na escola, assistir à peça anos depois trouxe uma nova percepção sobre o personagem. “Acredito que consegui ver melhor o lado do Tião. Antes me pareceu que ele era um vilão apenas; hoje já o enxerguei como alguém que fez o que achou que precisava diante de circunstâncias de vida das quais ele, nem ninguém da família, teve culpa”, conta.

O conflito ganha outra dimensão na relação com Maria. Para Tião, deixar a comunidade representa a possibilidade de começar uma nova vida. Para ela, porém, partir significaria também abandonar seus vínculos e o lugar ao qual pertence. As diferentes perspectivas fazem com que a escolha de Tião ultrapasse a questão da greve e coloque em discussão também assuntos como identidade, pertencimento, ambição e os limites entre realização pessoal e responsabilidade coletiva.

Ao redor dos dois, a vida cotidiana segue atravessada pelas questões políticas e sociais. Entre tarefas domésticas, conversas familiares, preparativos para o casamento e notícias sobre a mobilização dos trabalhadores, a casa se transforma no ponto de encontro entre o íntimo e o coletivo. É nesse espaço que as consequências da greve deixam de ser abstratas e passam a interferir diretamente nos afetos e nas relações familiares.

Décadas depois de sua estreia, *Eles Não Usam Black-Tie* continua provocando o público ao colocar em confronto diferentes maneiras de imaginar uma vida melhor. Na visão de Isabela, embora as relações de trabalho tenham se transformado desde que Guarnieri escreveu a peça, os conflitos apresentados permanecem reconhecíveis. “As questões se complexificaram com a uberização do trabalho, mas as lutas precisam continuar, e o texto e as personagens poderiam facilmente retratar os dilemas atuais de uma família brasileira em situação de precariedade.”

De acordo com o diretor João Velho, a atualidade da obra também passa pela maneira como grandes questões sociais atravessam a vida de uma família comum. “É uma peça que se passa dentro do barraco, com a família ali se relacionando. Então traz essa família brasileira, o homem comum, a mulher comum”, afirma. Segundo ele, textos como *Black-Tie* passam por momentos de maior ou menor ressonância ao longo do tempo, e o contexto atual voltou a aproximar a obra do público. “Agora a gente está vivendo um momento de novo em que o texto ganha muita força. É como se ele tivesse sido escrito ontem.”

A temporada de *Eles Não Usam Black-Tie* esteve em cartaz no Teatro do CCJF de 7 a 30 de agosto, com realização da Hassis Produções. E uma boa notícia: a previsão é que a peça volte aos palcos do CCJF em breve. Vamos aguardar!



Entre França e Brasil, a harpa ganha novos contornos na Sala de Sessões do CCJF

No dia 28 de agosto, a harpa foi a protagonista na Sala de Sessões do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) em uma apresentação que propôs um novo olhar sobre esse imponente instrumento musical. Em *Nada sobre Harpa*, a harpista francesa Léa Mesnil reuniu obras de diferentes épocas e estilos para criar uma ponte musical entre França e Brasil, aproximando repertórios clássicos e populares em uma mesma noite.

O espetáculo passou por compositores como *Debussy*, *Satie*, *Alberto Nepomuceno* e *Ernesto Nazareth*, mas também abriu espaço para expoentes da música contemporânea, como Rita Lee, Gilberto Gil, João Donato, Chico Buarque e Dorival Caymmi. O repertório ainda trouxe “*Voyage, Voyage*”, de

Desireless, levando para a harpa uma das canções mais conhecidas da música popular francesa. Foi justamente nessa mistura que o concerto encontrou sua identidade: obras tão diferentes entre si acabaram se conectando de maneiras inesperadas.

A escolha das peças também mostrou o quanto a harpa pode ir além do lugar que tradicionalmente ocupa na música clássica. Ao longo da apresentação, diferentes linguagens se encontraram, colocando lado a lado tradição e contemporaneidade, referências brasileiras e francesas. A proposta de Léa foi explorar essas possibilidades sem se prender a fronteiras rígidas entre estilos.

Mais do que reunir músicas de origens distintas, *Nada sobre Harpa* construiu um diálogo entre culturas. França e Brasil apareceram tanto nas obras escolhidas quanto na própria maneira de organizar o espetáculo, aproximando universos musicais que, em um primeiro momento, poderiam parecer distantes. O resultado foi uma apresentação marcada pela diversidade e pela liberdade de experimentar novos caminhos para o instrumento.

A relação entre a artista e o público também fez parte dessa experiência. Léa destacou o envolvimento das pessoas que estiveram presentes e a atmosfera de escuta e troca criada durante o concerto. Para a harpista, essa proximidade tornou a apresentação ainda mais especial. “Foi uma experiência muito especial me apresentar neste espaço”, contou Léa. A artista também ressaltou o trabalho da equipe do CCJF, especialmente de comunicação, destacando os materiais de divulgação, a identidade visual e o cartaz, que, segundo ela, contribuíram para valorizar o concerto. Ao longo do processo, Léa destacou ainda a atenção, a disponibilidade e a agilidade da equipe do Centro Cultural, especialmente no dia da apresentação.

Ao final, *Nada sobre Harpa* fez jus ao próprio título ao deixar espaço para o inesperado. Entre o clássico e o popular, a tradição e a contemporaneidade, França e Brasil, Léa Mesnil mostrou diferentes possibilidades para um mesmo instrumento. Uma apresentação que ampliou a forma de ouvir a harpa — e, junto com ela, de perceber a própria música.





Literatura, informação e resistência no enfrentamento à violência de gênero

Como a literatura pode ajudar a romper silêncios? Essa foi uma das questões que deu sentido a roda de conversa *Escritas de Subversão: Literatura e Informação no Combate à Violência de Gênero - O silenciamento da mulher na obra de Clarice Lispector*, realizada no dia 14 de agosto, pelo Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). O encontro reuniu literatura, informação e direitos humanos em uma discussão sobre as diferentes formas de violência contra as mulheres e os caminhos possíveis para enfrentá-las.

A obra de Clarice Lispector foi o ponto de partida para pensar como o silenciamento feminino aparece tanto na literatura quanto nas relações sociais. A partir de suas personagens e de suas narrativas, a conversa trouxe reflexões sobre o lugar ocupado pelas mulheres, as estruturas que contribuem para a manutenção do silêncio e a escrita como uma possibilidade de resistência.

O debate também passou por questões presentes no cotidiano de muitas mulheres: o medo, a culpa, a vergonha e a dificuldade de reconhecer ou denunciar situações de violência. Nesse contexto, a literatura aparece não apenas como forma de expressão, mas também como um espaço capaz de dar nome a experiências, provocar reflexões e criar novas possibilidades de diálogo.

Outro ponto central foi o papel da informação. Conhecer os próprios direitos e compreender as diferentes formas de violência pode ser fundamental para reconhecer situações de abuso e buscar caminhos para enfrentá-las. Além de transmitir conhecimento, o acesso à informação pode representar autonomia e proteção. Participaram da roda de conversa Anna Paula de Albuquerque Sales, Adriana Bodolay, Brisa Pozzi de Sousa, Luiz Fernando Braga e Michelle Barreto, trazendo diferentes experiências e perspectivas para a discussão.

Adriana Bodolay, professora e escritora, compartilhou sua trajetória e a relação entre sua escrita e a violência doméstica que vivenciou. Publicado sob o pseudônimo Anna Machado, o livro *Meu divã* transforma essa experiência em narrativa e amplia o espaço de diálogo sobre um tema que ainda é marcado

pelo silêncio. “Essa foi a segunda vez que pude trazer minha escrita para ser compartilhada em um evento no CCJF. Assim como da primeira vez, tive a mesma sensação de poder contribuir com o meu texto e minha história de violência doméstica”, contou Adriana.

Para ela, a importância desses encontros também está na possibilidade de aproximar a literatura de novos públicos. Ao abrir espaço para diferentes vozes e histórias, o CCJF contribui para que temas muitas vezes silenciados encontrem espaço para serem discutidos e compartilhados.

Escritas de Subversão: Literatura e Informação no Combate à Violência de Gênero mostrou que literatura e informação podem ir além da reflexão: podem ajudar a questionar estruturas, ampliar o conhecimento e criar espaços de escuta. Ao colocar essas diferentes perspectivas em diálogo, o encontro reforçou a importância da cultura como instrumento de conscientização e transformação social.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Luciana Villar

*Cinéfila cujo sonho era ser adida cultural — funcionária oficial de uma embaixada que representa e promove os interesses culturais de seu país no exterior —, Luciana Villar, servidora da Divisão de Cultura do CCJF, nos conta um pouco sobre sua história profissional, incluindo as passagens anteriores pelo Centro Cultural. A convidada deste mês da série **Por dentro do CCJF** também divide com os leitores da **Vitral Cultural** uma experiência inesquecível: encontrar com a atriz francesa Catherine Deneuve, a quem admirava desde a infância. Leia, logo abaixo, a entrevista na íntegra:*

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão, e além disso, ingressar na carreira pública?

LUCIANA VILLAR: Fui aprovada no concurso do TRF 2ª Região (TRF2) logo após terminar a faculdade, mas continuava a me preparar para o Instituto Rio Branco pois o meu sonho era ser adida cultural, ou seja, sempre quis trabalhar com cultura. Naquela época, no final dos anos 1990, ainda não existia um curso preparatório para o concurso do Itamaraty que concentrasse todas as matérias em um só local — muito menos cursos online. A gente tinha que fazer aulas particulares com professores em vários bairros da cidade e era muito penoso conciliar isso tudo com o horário de trabalho. Então, em 2001, quando foi concluída a restauração do prédio e o mesmo foi transformado em Centro Cultural, vi nele uma oportunidade de trabalhar com cultura sem ter que fazer outro concurso.

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e quais são as suas principais funções?

LUCIANA: Meu primeiro ingresso no CCJF foi em fevereiro de 2003, quando comecei a trabalhar na Assessoria de Comunicação. Em 2016, retornei ao TRF2, onde permaneci 8 anos, também na Comunicação. Em abril do ano passado voltei a trabalhar no CCJF, só que dessa vez na Divisão de Cultura, que tem um escopo muito diferente, ou seja, de planejamento e gestão cultural. Dentre as diversas atribuições do setor, destaco o auxílio na elaboração do Regulamento para a Apresentação de Projetos de Ocupação do CCJF que ocorre a cada ano. Mas tenho que admitir que ainda estou aprendendo.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

LUCIANA: Em 2011, o CCJF era parceiro do Festival de Cinema Francês que na época ainda se chamava Festival Varilux. Naquele ano, a Catherine Deneuve estrelava o filme de abertura do festival e veio pessoalmente promover a estreia no nosso vizinho Odeon. Quem me conhece, sabe que eu sou muito fã dela, uma paixão de família, aliás, já que meus pais também sempre acompanharam a sua carreira e não perdiam nenhum filme em que ela trabalhasse. Como nós da Comunicação do Centro Cultural éramos sempre convidados para as aberturas, o Sérgio Mota, um querido colega daquela época — que também é um cinéfilo inveterado —, me incentivou a pedir um autógrafo. Quem a conhece sabe que ela tem uma postura muito hierática, distante, a típica diva de cinema europeu. Ainda assim, tomei coragem e acabei conseguindo um autógrafo e uma foto com ela, que foi super amável comigo.



O Teatro Fluminense e a permanente busca por visibilidade

Por **Leandro Santanna** | ator, produtor, atualmente integrante do Júri - Prêmio Shell de Teatro

"Hoje, esse movimento de inúmeras peças oriundas de companhias e grupos "lá de longe" é quase comum, e me sinto na obrigação de comemorar esta virada (...) pois não podemos permitir que algumas histórias se percam na poeira."

No ano de 2010, eu e um grupo de diretores, produtoras e artistas em geral, de diversos municípios da Baixada Fluminense, iniciamos um diálogo direto com a Secretaria Estadual de Cultura, aproveitando o fato de que naquele momento alguns de nós estávamos ocupando espaços de relativo "poder" na estrutura governamental da cultura em nossas cidades.

Buscamos a SEC, para criar um caminho de visibilidade para coletivos, artistas e companhias do interior do Estado e da Baixada Fluminense. O vento era propício, existia interesse de aprofundar com seriedade a interface da criação artística entre a cena teatral carioca, já estabelecida, e a cena teatral da Baixada, também já estabelecida, porém não difundida, e até então ignorada por muitos cariocas.

Como historicamente o conceito de se “levar arte” para algum local já vinha sendo questionado, passamos a listar publicamente, com uso das redes sociais, o nome dos coletivos e as cidades onde eles militavam e realizavam temporadas de suas peças há 5, 10, ou 15 anos. E, neste contexto, nasceu um programa de governo chamado *Novas Cenas*, que tempos depois, ganhou outros formatos, se dedicando unicamente ao Teatro, passando a incorporar estudantes de escolas de arte do Rio, homenagear autores específicos e premiar os projetos de montagens.

Começamos ali a constituir com mais frequência temporadas de espetáculos do Teatro Fluminense na capital Carioca, e vários coletivos seguiram em frente, ganhando prêmios, ocupando cada vez mais espaços. Chamo de Teatro Fluminense toda a cena teatral que acontece do Méier para cá, da Baixada Fluminense ao interior, passando pela Zona Oeste e Serrana, de Niterói a Costa Verde, tudo que é produção Não-Carioca, segue buscando e lutando por visibilidade.

Territórios ditos periféricos, sem nenhum tipo de escola de capacitação formal de arte, seguem produzindo Teatro, montando e estreando temporadas de peças no terreno hostil da inexistência de equipamentos públicos de cultura. São regiões que “exportam” técnicos e artistas para que a roda do teatro da capital continue girando. O que mudou de lá pra cá? A mudança veio com a multiplicação considerável de grupos e artistas fazendo esse trabalho, e o aumento significativo de espaços e trocas efetivas de realização de temporadas como, por exemplo, a realização do espetáculo adaptado *A Bela Adormecida* no **Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF)** durante o mês de agosto último. Hoje, esse movimento de inúmeras peças oriundas de companhias e grupos “lá de longe” é quase comum, e me sinto na obrigação de comemorar esta virada iniciada também pela *Rede Baixada em Cena* pois não podemos permitir que algumas histórias se percam na poeira.

